

FESTIVAL DO NOVO CINEMA LATINO — AMERICANO

Argentina (continua) na cabeça

MARIA DO ROSARIO CAETANO
Enviada Especial

Havana — Os melhores filmes da América Latina estão em Cuba. Por isto, a medida que o Festival vai-se desenrolando, a premiação torna-se mais difícil. Por ter a intenção de mostrar aos cubanos e jornalistas do mundo inteiro, o que se faz do México, a terra do fogo, o Festival do novo cinema latino-americano não elimina de competição filmes premiados em outros certames. Por isto, os participantes do festival assistiram, fascinados, ao filme "A Cidade e os Cachorros", de Francisco Lombardi, do Peru, escolhido como o melhor no Festival de Birritz, França, e Lombardi, o "Melhor Diretor", no Festival de San Sebastian, Espanha.

Até o momento, o país com mais chances de ganhar continua sendo a Argentina, com três fortes candidatas: "História Oficial", de Luis Puenzo, "Tangos, Exilios de Gardel", de Fernando Solanas e "Os Dias de Junho", de Albert Fleishman, todos laureados em festivais internacionais.

O México pode surpreender com "Frida: Natureza Viva", de Paul Leduc, e o Brasil com "Chico Rei", de Walter Lima Jr. As chances do Peru são poucas, pois "A Cidade e os Cachorros", apesar de magnífico, já recebeu muitas laúreas. E para complicar, sua fonte primeira é o romancista peruano, Mario Vargas Llosa, que tem formado com Octávio Paz, poeta mexicano, dobradinha pouco simpática a Cuba. Esta Cuba que García Marquez ama e que o tem em seus mais importantes acontecimentos culturais. Aliás, os intelectuais que aqui estão nutrem o mesmo sentimento pela ilha de Fidel. Quando nosso avião, da Cubana, pousou no Aeroporto Jos. e Martí, os

veteranos do Festival, que cantavam "Guantanamera", "Adelita" e outras canções da América hispânica, bradaram: "Eis-nos aqui, no primeiro território livre da América Latina".

MUITOS AMIGOS

E Cuba tem muitos amigos famosos. Entre eles, Fernando Birri e Gian Maria Volonté, que continuam fazendo muito sucesso. Birri recebeu, na metade de sua mostra retrospectiva, homenagem especial, coordenada por Pastor Vega, diretor do ICAIC (Instituto Cubano de Arte e Indústria Cinematográfica). A homenagem aconteceu no Hall do cine La Rampa, onde foi inaugurada mostra de fotografias do filme "Rafael Alberti, um retrato do poeta" e da escola documental de Santa Fé, criada na Argentina, no final dos anos 50. Por esta escola passaram alguns dos mais importantes documentaristas brasileiros, entre eles Geraldo Sarno, Wladimir Herzog, Sérgio Muniz e Thomas Farkas. Por isto, durante a homenagem, Birri fez questão de ter a seu lado dois brasileiros (Sarno e Muniz) e dedicá-la a Vlado Herzog e Raymundo Gleyzer, cineastas assassinados durante regimes fortes. Herzog, quando morreu, dedicava-se ao jornalismo na TV Cultura de São Paulo. Gleyzer, que tinha em seu currículo dois longa-metragens e vários curtas, saiu um dia de casa, em 1976, na Argentina, e nunca mais regressou. Para completar o time de homenageados, Birri convocou para seu lado os conterrâneos Edgard Fallero e Dolly Pussí, parceiros em muitos filmes. Fallero chorou copiosamente, ao lembrar os anos de trabalho em Santa Fé, onde realizaram o longa-metragem "Os Inundados".

Gian Maria Volonté, ao contrário de Birri, não está presente em todos

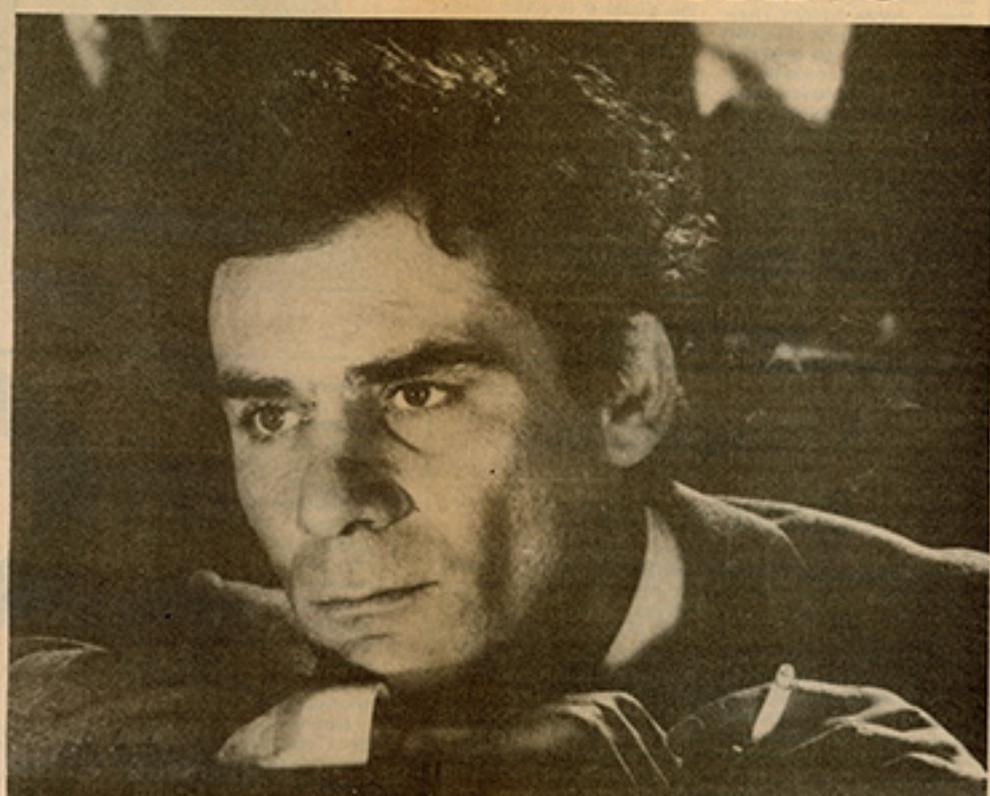


Fernando Birri, Os Inundados, com Volonté

os cantos, nem recebe muitas homenagens. O ator ganhou longa entrevista no jornal "Granma", que da enormes chamadas de capa as atividades do Festival, além de uma página inteira de sua enxuta edição (10 a 12 páginas diárias), mas permanece discreto. E agora, sabemos a razão. O grande intérprete italiano, famoso por seus papéis em filmes políticos como "Actas de Marússia" e "O Caso Mattei", e palma de ouro em Cannes como melhor ator "A Morte de Mário Ricci", do suíço Claude Goretta, está doente. Por isto, faz-se acompanhar, em todos os instantes, de seu médico. O mesmo médico que o acompanhou no Festival, deixando intrigados muitos brasileiros.

ESTRANGEIROS

Além dos latino-americanos, concorrem no Festival de Havana, cineastas soviéticos, ingleses, norte-americanos, franceses, holandeses, canadenses, enfim, de todos os cantos do mundo. O nome "Festival do Novo Cinema Latino-Americano" tem abrangência temática, e não



Volonté: Os Inundados, de Fernando Birri

geográfica. Assim, se o filme refere-se a tema ligado à realidade do continente, está aceito. Por isto, podemos assistir a um longo documentário holandês sobre a dívida externa da Argentina (aliás, a dívida externa do Brasil, Uruguai, entre outros, é assunto constante na imprensa cubana), outro sobre a coca (Bolívia: Deus salve a folha), do britânico Brian Moses e o norte-americano "Latino", de Haskell Wexler, fotógrafo de filmes consagrados como "O Estranho no Ninho", de Milos Forman. O primeiro filme, o da dívida externa, causou irritação por seu didatismo extremado. "Deus Salve a Folha" é um belo documentário sobre a Bolívia e a integração da coca na vida de seus camponeses e pastores. O filme deságua no ponto que mais interessa ao mundo: o contrabando da cocaína, droga adquirida a peso de ouro na Europa, Estados Unidos e muitos países da América-Latina. Enquanto isto, o povo boliviano vive estado de penúria, em especial, os plantadores de coca, os mineiros e os pastores de lhamas.

"Latino" é um longa-metragem de ficção, feito com recursos do pró-

prio diretor e do produtor George Luccas, que ajudou na finalização. O filme toma posição favorável à Nicarágua, contrariando, para alegria dos nicaraguenses e cubanos, a posição ortodoxa do governo Reagan.

FESTAS

Na madrugada do último dia sete, quando os participantes regressaram do cine Charles Chaplin, o mais badalado de toda a rede que exibe os filmes em competição, foram surpreendidos por uma informação insólita: não haveria música em nenhum dos cabarês, pois era dia de luto nacional, em memória do General Antonio Maceo, herói da Guerra de Libertação do jugo espanhol, no século passado. De início, houve espanto geral. Alguns arriscaram-se a tomar um mojito no Cabarê e Parisien, no Salão Rojo ou na beira da piscina do Hotel Nacional. Mas logo recolheram-se. Afinal, ainda soavam em seus ouvidos os acordes do jazz cubano de primeira qualidade, produzido pela banda Irakere. Apresentando com condimentos caribenhos sucessos como "Summert-

me", a banda arrasou. O jornalista carioca Alfredo Ribeiro, além de comprar o disco do Irakere, fez questão de avisar: vou alertar a turma do "Free Jazz Festival", no Rio, para a urgente necessidade de levar ao Brasil, esta banda, que faz um jazz de primeira qualidade.

Aliás, engana-se quem pensa que Cuba parou no tempo. O país está sintonizado com a modernidade não só na música. O cinema de Gutierrez Alea é do mesmo nível da Nouvelle Vague francesa e dos melhores momentos do cinema novo. Depois de "Memórias do Subdesenvolvimento", fomos surpreendidos por "Morte de um Burocrata", ferina comédia de humor negro, que constitui um dos momentos mais inteligentes do cinema da ilha. O brasileiro Hélio Lopes vaticinou: "ai está um filme de primeira qualidade. Melhor que "A Última Ceia" (único filme de Alea que conhecemos no Brasil) e que a maioria dos filmes brasileiros, de diretores que se consideram gênios. Alea continua sendo, ao lado de Fernando Birri, o responsável pelos melhores momentos do Festival de Cinema de Havana.